

		ESCOLA MUNICIPALIZADA ONZE DE JUNHO	
		ALUNO:	Nº:
DISCIPLINA: Geo-história		PROFESSORA: Monique Ribeiro	
ANO:	TURMA:	DATA: 25/02/2021	NOTA:

A 'Liga Anti-Máscara', que protestava contra restrições na gripe espanhola



Fila para distribuição de máscaras em São Francisco. Em outubro de 1918, com o avanço da pandemia de gripe, as autoridades municipais decretaram a obrigatoriedade de usar máscaras em público. (California History Room, California State Library, Sacramento)

Nos Estados Unidos, na cidade de São Francisco, em 1919, no auge da pandemia de gripe que se espalhava pelo mundo, alguns moradores, cansados após meses de restrições, resolveram criar um movimento batizado de Liga Anti-Máscara. Desconfiados da eficácia do uso de máscaras para frear o avanço da doença, eles acusavam as autoridades de violar seus direitos constitucionais e pediam a volta à normalidade. Em um encontro realizado em 25 de janeiro daquele ano, chegaram a reunir mais de 2 mil pessoas.

A historiadora Nancy Bristow, autora do livro: *American Pandemic: The Lost Worlds of the 1918 Influenza Epidemic* ("Pandemia Americana: Os Mundos Perdidos da Epidemia de Gripe de 1918", em tradução livre), relata que "Muitas pessoas (simplesmente) não gostavam de usar as máscaras" e que "também havia pessoas que argumentavam que a exigência era uma violação de sua liberdade, intrusão excessiva do governo".

Bristow ressalta que há uma diferença fundamental entre o movimento de 1919 e os protestos atuais: "Eles não tinham os dados e as evidências que temos hoje de que fazer isso (cumprir as medidas de emergência) vai salvar vidas. A diferença é que agora não se pode alegar "ignorância".

A chamada gripe espanhola, que causou mais de 50 milhões de mortes ao redor do mundo, atingiu os Estados Unidos em três ondas, a partir da primavera de 1918 (outono no Brasil), quando focos foram identificados na Costa Leste, em soldados que haviam lutado na Primeira Guerra Mundial. Mas as autoridades municipais, assim como ocorreu em outras cidades, demoraram a reagir. Inicialmente, determinaram apenas que doentes fossem colocados em quarentena e recomendaram que as pessoas praticassem boa higiene e evitassem multidões.

Ao meio-dia de 21 de novembro, dez dias após o fim da Primeira Guerra Mundial, o som de sirenes ecoou pela cidade, anunciando o fim da obrigatoriedade. Em comemoração, multidões arrancaram suas máscaras e as jogaram no chão, cobrindo ruas e calçadas com o que um jornal da época descreveu como "vestígios de um mês tortuoso". Mas a celebração logo se revelou prematura, e o número de casos da doença voltou a crescer. Duas semanas depois, o prefeito pediu que a população voltasse a usar máscaras em público, desta vez de maneira voluntária. Eles levantaram as restrições e, então, sofreram uma nova onda da pandemia. E em vez de reiterar as regras de distanciamento social, o que

teria sido a decisão lógica, apenas se concentraram no uso de máscaras e na quarentena dos doentes, pensando que poderiam controlar a doença com essas medidas”, nos conta a historiadora Bristow.

Mas, sem obrigatoriedade ou risco de punição, a maioria da população ignorou a recomendação. Calcula-se que apenas 10% voltaram a aderir à medida. Com o número de doentes crescendo, em 17 de janeiro de 1919 as autoridades tornaram o uso de máscaras obrigatório novamente.

Resistência

Desta vez, porém, a exigência foi recebida com resistência. Comerciantes eram contra, temendo que a regra tivesse impacto negativo nas vendas. Muitos também questionavam a eficácia das máscaras para conter a pandemia. Na época, a Associação Americana de Saúde Pública havia publicado um artigo em uma revista científica no qual dizia que as evidências sobre a eficácia das máscaras eram contraditórias. “O desafio era que as pessoas diziam que, mesmo com as máscaras, não se estava evitando a propagação da doença”, observa.

Foi nesse contexto que surgiu a Liga Anti-Máscara, formada por empresários, comerciantes e até alguns médicos e um integrante do governo, para pressionar pelo fim da obrigatoriedade que, segundo eles, ia “contra a vontade da maioria da população”.

Na verdade, as mais de 2 mil pessoas presentes do encontro realizado pelo movimento representavam menos de 1% da população da cidade na época, mas muitos de seus membros eram influentes. Alguns queriam assinaturas para um abaixo-assinado pelo fim da obrigatoriedade. O próprio encontro, com milhares de pessoas sem máscaras, pode ter ajudado a propagar a doença. O prefeito inicialmente resistiu à pressão, afirmando que as posições do movimento não representavam o desejo da maioria dos moradores. Mas em 1º de fevereiro, uma semana após o encontro da liga, a exigência do uso de máscaras foi revogada.



Como havia escassez, as autoridades recomendavam que a população fabricasse suas próprias máscaras, com qualquer material disponível. (California History Room, California State Library, Sacramento)

Exemplo

Segundo historiadores, apesar de outras cidades americanas também terem registrado episódios de resistência à obrigação de usar máscaras, nenhuma teve um movimento tão organizado quanto o da Liga Anti-Máscara. Bristow afirma que é difícil saber o impacto que o uso de máscaras teve no controle da doença em São Francisco. Mas ela e outros historiadores afirmam que a devastação provocada pela gripe espanhola na cidade mostra as consequências graves de acabar com o isolamento antes que a pandemia tivesse sido controlada.

Apesar de inúmeras declarações das autoridades de que São Francisco havia vencido a gripe espanhola rapidamente, quando os números gerais do país foram compilados pelo governo federal, ficou claro que a doença teve efeito devastador. A cidade de São Francisco registrou um total de 45 mil infectados e mais de 3 mil mortos, uma das mais altas taxas per capita nos Estados Unidos. No país inteiro, a gripe espanhola deixou 675 mil mortos.

Texto adaptado.

Alessandra Corrêa de Winston-Salem (EUA) para a BBC News Brasil.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52588711?fbclid=IwAR0dj0XZ9pxZY51imAQdcwLJ0TokXuG87HOdmuKPA2TTOBqdyZi18Q18BE8>

Acessado em 10/05/2020, às 23h05

Após a leitura, responda:

1) Sabemos que História, como uma área do conhecimento, não é opinião. Para afirmarmos algo fazendo uma referência histórica, temos que conseguir provar o que estamos falando. O texto cita uma historiadora e sua obra, onde a profissional apresenta as fontes que provam as suas afirmativas. Marque a opção que contém corretamente o nome da historiadora e sua obra.

- a) A Origem das Espécies. Charles Darwin
- b) O queijo e os vermes. Carlo Ginzburg
- c) Pandemia Americana: Os Mundos Perdidos da Epidemia de Gripe de 1918. Nancy Bristow
- d) Trypanosoma Cruzii. Oswaldo Cruz.

2) Marque a opção que contém o conteúdo do texto:

- a) O texto fala sobre a epidemia do Novo Coronavírus.
- b) O texto fala sobre a COVID – 19.
- c) O texto fala sobre a epidemia de Peste Bubônica
- d) O texto fala sobre um grupo que era contra o uso de máscaras em São Francisco, nos EUA, durante a Gripe Espanhola.

3) Identifique semelhanças entre o que aconteceu no passado e o que tem acontecido no Brasil durante a atual epidemia (COVID – 19 / coronavírus).

4) Identifique quais eram as justificativas que as pessoas davam para não usar máscaras.

5) A historiadora aponta uma diferença muito grande entre o que aconteceu no passado e na atualidade. Identifique essa diferença.

6) “Ao meio-dia de 21 de novembro, dez dias após o fim da Primeira Guerra Mundial, o som de sirenes ecoou pela cidade, anunciando o fim da obrigatoriedade. Em comemoração, multidões arrancaram suas máscaras e as jogaram no chão, cobrindo ruas e calçadas com o que um jornal da época descreveu como "vestígios de um mês tortuoso'.”

De acordo com o texto, o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras e do isolamento social trouxe uma consequência grave para a população da cidade de São Francisco, em 1918. Marque a opção que contém qual consequência foi essa.

- a) O número de casos da doença voltou a crescer.
- b) As pessoas ficaram sem os seus empregos.
- c) A economia do país estava muito ruim.
- d) O número de desempregados era muito grande.

7) “A exigência [do uso de máscaras] era uma violação de sua liberdade, intrusão excessiva do governo”. Algumas pessoas da Liga Anti-Máscara usavam este argumento, esta justificativa, para não usar as máscaras que o governo da época exigia. Por qual motivo o prefeito de São Francisco exigia o uso de máscaras?

8) Após a leitura do texto, reflita sobre a importância de estudarmos História.

- 9) Marque a opção que justifica os EUA terem tido 3 ondas da epidemia da Gripe Espanhola.
- a) As pessoas eram muito frágeis.
 - b) Naquela época fazia muito frio.
 - c) A maior parte da população dos Estados Unidos da América era muito idosa.
 - d) As pessoas resistiram muito ao isolamento social e ao uso de máscaras.